

# FOUCAULT E O USO DA HISTÓRIA

## Considerações introdutórias

Maria de Fátima Pereira Alberto

### RESUMO

Objetiva-se neste artigo, identificar os usos que Foucault faz da história, dentro de uma perspectiva de sociologia histórica, tomando como referencial sua obra "Vigiar e Punir". Foucault, faz uso da história utilizando-se de documentos como instrumentos para interpretar o mundo, analisar os processos de mudanças culturais e os seus efeitos sobre as ações humanas. A sua história é crítica e efetiva. Reintroduz o descontínuo no ser humano, rebusca o acontecimento e faz surgir o que tem de profundo e único. Propõe uma arqueologia do discurso e usa para tal o método genealógico. Através do qual, analisa as mudanças dos métodos punitivos, desde os castigos corporais, técnicas corretivas até as tecnologias coercitivas do comportamento, que possibilitaram a formação de um saber clínico sobre os condenados, um discurso e uma forma de poder.

### FOUCAULT - SOCIOLOGIA HISTÓRICA VIGIAR E PUNIR

#### A Sociologia Histórica

Neste ensaio, tentaremos discutir a questão do uso da história em Foucault, situando-o enquanto um autor que contribui na construção de modelos de análises sociológicas. O que certamente não é uma temática nova, visto que Patricia O' Brien (1992), Roberto Machado (Introdução à microfísica do poder: 1979) e Mitchell Dean (1994), já o fizeram. A nossa contribuição, neste sentido, é mais pontual - fazer uma leitura sociológica histórica de "Vigiar e Punir: nascimento da prisão".

A união entre reflexões históricas e teorias sociológicas não é um fenômeno recente, embora o século XX tenha originado teorias abstratas, divorciadas de trabalhos

históricos. O interesse teórico da sociologia pelas significâncias culturais trouxe de volta a união dessas duas áreas de conhecimento, desta vez, como um dos subcampos da teoria sociológica. Isto foi possível devido ao fato de que a significação cultural é possibilitada pela ação de indivíduos, os quais são entidades culturais e cujas significâncias são resultantes das ações dos mesmos situados historicamente.

A partir desta perspectiva, produzir teoria sociológica implica estudar um fato como um acontecimento resultante da ação de indivíduos culturais (ação coletiva), dentro de um contexto (mudança estrutural), e, explicá-lo através de uma base teórica (prática histórica), capaz de ser generalizável. Segundo Tilly (1981), isto requer uma reinterpretação histórica que produza um novo entendimento do tempo, lugar, fenômeno e reforço das questões em estudo.

Neste sentido, compreender e explicar um fato social é considerá-lo construção e resultado da história. Procurando no passado, na história, os elementos explicativos para as mudanças. Compreendendo a mudança como o resultado das ações humanas que no tempo institucionalizaram-se, criando uma estrutura.

É nesta concepção que este trabalho se insere, isto é, da sociologia histórica. Compreendida como um campo da sociologia, que

estuda os mecanismos através dos quais a sociedade mudou ou se reproduziu, como uma área de conhecimento que investiga a interpretação do passado e presente, eventos e processos, ação e estrutura. Usando para tal, a junção de conceitos, generalização comparativa e exploração empírica.

A sociologia histórica, segundo Smith (1991), há 50 anos atrás encontrava-se em vias de extinção, em decorrências da hostilização de uma perspectiva crítica do fascismo e stalinismo. Mas, nas décadas de 70 e 80, ela renasceu das cinzas, como fênix, e vôo alto. O ressurgimento deu-se graças ao dinamismo de intelectuais como Anthony Giddens, Perry Anderson, Michael Mann, Simon Schama, Paul Kennedy e o ressurgimento dos movimentos sociais pôr democracia e cidadania.

Segundo Smith, a sociologia histórica reúne num só campo os aspectos pertinentes as duas áreas (sociologia e história) naquilo que lhe é pertinente e faltoso: a consideração do tempo e do passado como dimensão da vida social, a historicidade da estrutura social, as propriedades gerais dos processos e estruturas e as relações entre ações e eventos. O sociólogo historiador, é portador do historiador e sociólogo que investiga a mútua interpenetração do passado e presente, eventos e processos, ação e estrutura.

Neste sentido o sociólogo historiador busca captar a ação

## Foucault e o Uso da História

humana no interior da forma e transformação da estrutura. O que significa dizer que rompe com as dimensões dicotomizadas entre ação e estrutura, passado e presente, eventos e processos. Eles podem potencializar o tempo e as distâncias históricas como parte de processos de transformação social. Os sociólogos historiadores, podem fazer tempos distantes, lugares e pessoas parecerem vivos, importantes e compreensíveis. Eles podem também fazer coisas estranhas transformarem-se em familiares e coisas familiares transformarem-se em estranhas e distantes.

Nesse campo de conhecimento, há uma tentativa de entender a relação da atividade pessoal e experiência de um lado, e organização social de outro, como uma coisa que é continuamente construída no tempo. Marca não apenas grandes estágios das sociedades, mas, também, planos mais restritos da vida social, que ocorre em pequenos grupos ou instituições, como por exemplo família, prisão, fábricas, etc., - micro história. (Abrams, 1991).

O mundo social é essencialmente histórico. Deste modo, para que os sociólogos pudessem explicar como uma sociedade é possível, fez-se necessário recorrer a uma compreensão dos contextos específicos, vividos por sujeitos determinados, que nos seus movimentos de interrelações produziram sociedade e foram coagidos por ela. Os sociólogos

historiadores, apresentaram assim, uma perspectiva de compreensão da sociedade, partindo de pressupostos concretos, operacionalizáveis a partir da interação entre ação e estrutura.

Este campo do conhecimento conduz a sociologia à dinamicidade do fenômeno social, na medida em que olha para os mecanismos através dos quais a sociedade muda ou se reproduz. Incorpora no seu *setting* a sociedade enquanto um devir, no qual é possível explorar as pré-condições sociais que forjam um determinado fenômeno - o cenário no qual os embates se travam na construção de uma determinada estrutura - e quais as conseqüências e a configuração que assume naquele dado contexto.

Há muitos aspectos a se considerar na discussão da sociologia histórica, dentre eles a relação empiria, teoria, generalizações. Todavia, estes são aspectos nos quais a discussão passa necessariamente pela discussão dos autores, tarefa demasiada complexa, para ser abordada neste artigo, uma vez que o propósito do mesmo é particularizar sobre um autor, Foucault e a sua sociologia histórica. Contudo, vamos tentar situar com brevidade, a partir de Smith(1991), três aspectos definidores ou demarcadores dos autores na sociologia histórica.

Estes aspectos são campos demarcatórios, não necessariamente excludentes, pois há autores que fazem combinações. Os aspectos são os seguintes: exploração,

generalização e teoria. Há autores que fazem a exploração primária de situações históricas específicas que têm amplas implicações para entender diversidade e mudança (Thompson); uso de generalizações empíricas que induzem a outras explorações e a construção de teorias (Bendix); teorização sistemática sobre processo de mudança histórica que induzem aos resultados de explorações teóricas e generalizações empíricas (Giddens e Parsons).<sup>1</sup>

Além desses aspectos, há outros que perpassam de um certo modo todos os trabalhos dos autores da sociologia histórica, são eles aliás que configuram a sociologia como sendo histórica com um campo definido de conhecimento. Um campo cujos conteúdos dão conta de uma regularidade presente nas sociedades, situações semelhantes e ímpares ao mesmo tempo. Semelhantes quanto ao processo de mudança, ímpares quanto aos elementos constituintes da mudança. Os aspectos são: processo, mudança, tempo, método, documento. A idéia de processo é crucial para o caminho em que os trabalhos sociológicos são feitos, é ele que liga uma ação a uma estrutura; a mudança indica que a sociedade é movida em uma certa direção a qual se indaga se é fruto do acaso ou das ações dos homens; a introdução do tempo dá

uma outra dimensão, a sociologia, uma vez que contextualiza as ações e torna possível compreender como a atividade humana produz um mundo de coisas, em um contexto historiográfico específico; rompe com os métodos demasiado empíricos e introduz o método discursivo com os documentos.

O referido autor situa o soerguimento da sociologia histórica no pós guerra em três fases, cada fase marcada pôr características e conjunturas políticas específicas: primeira fase, 1950, marcada pela batalha com o totalitarismo - ortodoxia liberal insistia que a democracia capitalista poderia resolver alguns dos maiores problemas sem mudanças institucionais profundas; segunda fase, 1960, marcada pôr movimentos políticos de protestos, negros, estudantes e o fim da guerra do Vietnã; terceira fase, 1970 em diante, marcada pela fragmentação bipolar do mundo da guerra fria.

A Sociologia histórica abre para a sociologia uma nova perspectiva de compreensão das relações sociais e dos processos de mudança da sociedade, à medida que os fatos sociais deixam de ser objetos estáticos ou apenas grandes estágios de uma sociedade e passam a ser: fatos sociais dinâmicos, históricos

---

<sup>1</sup> Há outros autores, além dos aqui citados (op. Cit).

concretos, que estão no devir; ações em processos, resultantes do movimento dos homens. O movimento de mudança cria uma estrutura que revela as interrelações, as redes que permeiam as relações humanas, as quais ocorrem nas várias partes de uma sociedade, compreendendo tanto macrohistória como microhistória. Sendo que, essas mudanças, ocorrem no tempo ( que portanto é histórico ) e no qual ator e situação se revestem de significação.

A sociologia histórica procura compreender e explicar quais os mecanismos através dos quais a sociedade muda ou se reproduz e quais as pré-condições sociais que implementaram os valores constituintes da estrutura ( cultura ). Para tal a história é o elemento chave, uma vez que as condições históricas estruturais são produzidas socialmente, tendo a cultura como o fio condutor.

Segundo Skocpol e Somers ( 1995 ), a sociologia histórica é uma tentativa para entender, pôr um lado, a relação entre as atividades e experiências das pessoas e, pôr outro, a organização social como uma coisa que é continuamente construída no tempo. Faz do contínuo processo de construção um foco constante de análise social. Ainda segundo as autoras acima citadas, é mais um meio de como alguém interpreta o mundo, do que a escolha do objeto de estudo.

É nesta concepção, da

sociologia histórica, que este *paper* se inscreve. Tentar traçar, delinear, demarcar a sociologia histórica de Foucault, ou mais especificamente, os usos da história em Foucault e a possibilidade de explicação da sociedade, usando para tal sua obra, "Vigiar e Punir".

### A Sociologia Histórica de Foucault

Há alguns aspectos a serem considerados nesta tentativa de inscrever Foucault na sociologia histórica, ou mais especificamente nos usos que faz da história: O primeiro deles é afirmar que Foucault faz uso da história. Afirmação que argumentaremos baseada em O'BRIEN (1993), para quem Foucault faz uso da história em razão dos domínios e das referências às quais recorre, do uso de documentos.

Foucault usa a história para estudar a sociedade ou especificamente o funcionamento da mesma. Nas suas obras, dentre as quais destacam-se a "História da loucura", "História da clínica", "História das prisões - vigiar e punir" e "História da sexualidade" ele faz uso de documentos, que lhe possibilitam construir a história do poder, do saber que permitiu as diversas instituições a organização e manutenção do poder.

Os documentos servem como instrumentos para interpretar o mundo, dar significados as ações humanas e mostrar como estas ações

constróem a estrutura da sociedade. Faz uso da história para explicar quais os mecanismos usados pela sociedade para mudar e implementar os valores culturais que constituem a estrutura e os efeitos dessa estrutura sobre suas ações.

Para tal, mister se faz situarmos qual é a história de Foucault. Na história o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominante: o marxismo e os ANNALES. Foucault inaugura nos ANNALES o estudo da micro história ou das mentalidades, com a história marginal e do marginalizado, é a história da vida cotidiana ou uma história vinda de baixo. E o faz sob uma perspectiva a mais globalizante possível, iluminando num mesmo fato histórico todos os seus componentes, evitando uma visão parcial ou determinista. Com a história das mentalidades procura, captar as maneiras pelas quais se reproduzem mentalmente as sociedades e como os sujeitos históricos se adaptam as mudanças.

Segundo O'Brien (1993: 37), Foucault reconhecia seu trabalho "como estudos de história em razão dos domínios que aborda e das referências às quais recorre; mas, insistia ele, não constituem a obra de um historiador". A sua história é uma história crítica que se contrapunha a uma história convencional. Ele critica a história apocalíptica dos historiadores, que teria por função recolher uma totalidade bem fechada sobre si mesmo. Ele era antipositivista

e antidual. Recusava-se a oferecer análises causais, negava a vaidade de quaisquer relação reductiva entre as formações discursivas e seus contextos sócio políticos (Idem).

Na "Microfísica do poder" (1987), Foucault nos dá claramente uma visão do que é a sua história - uma história crítica e efetiva. A história efetiva se distingue da historiografia tradicional porque não se apoia em nenhuma constância e reintroduz o descontínuo no ser humano, pois segundo Foucault nada é fixo, nem mesmo o corpo. A história efetiva rebusca o acontecimento e faz surgir aquilo que ele tem de mais próprio, profundo, intenso, único.

Foucault, opõe-se a uma história tradicional linear, evolucionista e defende a história efetiva que capta a unidade, observa o que está próximo, investiga e penetra nas decadências. É um saber perspectivo que faz no movimento de seu conhecimento sua genealogia.

A sua história crítica aborda o documento de uma forma diferente, não tentando reconstruir ou interpretar o documento, mas sim, organizando, distribuindo, esquadrinhando, ordenando, distinguindo e extraíndo os componentes, fazendo emergir o que é significativo.

Ao expôr a forma da história crítica e efetiva trabalhar com o documento, Foucault propõe uma análise arqueológica, que pode ser vista como o repensamento da

## Foucault e o Uso da História

historiografia tradicional. Segundo Dean (1994), na sua proposta de análise arqueológica, Foucault concentra sua atenção no que é dito no discurso. E prega que os fatos discursivos sejam tratados como campos, como sistemas de relações que são as condições do discurso. Deste modo, o discurso é posto em foco possibilitando a descrição dos seus sistemas de formação.

Com sua proposta de uma história crítica e efetiva, Foucault cria um método de investigação e produção de conhecimento, o método genealógico. Uma forma de história "*que dê conta da constituição dos saberes, discursos, dos domínios de objeto, sem ter que se referir a um sujeito (...)*" (Foucault, 1979: 07). Ao descrever seu método Foucault clarifica aquilo que constitui seu objeto central, perseguido em toda sua obra: O saber, o discurso e o poder. Delineia historicamente como estes campos se constituem, se transformam na sociedade - nas relações entre acontecimento e estrutura.

No emprego deste método ele propõe uma história que usa a noção de redes para comparar e explicar as mudanças e a constituição das estruturas - no seu caso das estruturas de poder. Na "Microfísica do poder" Foucault descreve o procedimento metodológico para se alcançar estes objetivos acima citados: "O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertence e reconstituir os fios que os ligam e que

fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros (...) daí o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas" (Foucault, 1979: 5).

O que Foucault faz em "Vigiar e Punir" é pôr em prática seu método, tentando estudar a metamorfose dos métodos permitivos a partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história das relações de poder. E o faz destrinchando a maneira como um modo "específico de sujeição pôde dar origem ao homem como objeto de saber para um discurso com status científico" (Foucault, 1996 : 27).

Em "Vigiar e Punir" Foucault descreve e analisa a história passada dos castigos, que se transformam historicamente de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. As mudanças não aconteceram num processo evolutivo e contínuo, foram fruto de avanços e recuos, em diversos países retratados por Foucault entre os séculos XVII e XIX. Não é mais ao corpo que se dirigem os castigos, diz o autor, mas à alma, elaboram-se mecanismos de punição legal que dão um poder justificável sobre os indivíduos. De modo que saber, técnicas, discursos científicos se formam, se entrelaçam com a prática do poder de punir.

A prisão é algo recente quando se faz datar seu nascimento dos novos códigos. Ela se constituiu fora

do aparelho judiciário, quando se elaboram por todo corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacunas, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza.

As técnicas corretivas imediatamente fazem parte da armadura institucional da detenção legal. A prisão não deve ser vista como a instituição inerte, sempre envolvida em reformas, pelo contrário, há uma teoria da prisão, com um corpo ativo onde abundaram os projetos, os remanejamentos, as experiências. Os discursos teóricos, os testemunhos, os inquéritos. Instituições completas e austeras, a prisão deve ser um aparelho disciplinar exaustivo. Em vários sentidos: deve tomar a seu cargo todos os aspectos do indivíduo, seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições; a prisão, muito mais que a escola, a oficina ou o exército que implica uma especialização onidisciplinar.

A prisão usa uma maquinaria potente para impor uma nova forma ao indivíduo pervertido, seu modo de ação é a coação de uma educação total:

1º O Isolamento – esquema político moral. A solidão, instrumento positivo de reforma pela reflexão que suscita, pelo remorso. A solidão é a condição primeira de submissão total.

2º O Trabalho – o modelo econômico de uma força aplicada a um trabalho obrigatório. Os efeitos que tomam na mecânica humana: regularidade, ordem, sujeita os corpos, impõe hierarquia, ajusta o operário a um aparelho de produção.

3º Um Instrumento de Modelação da Pena – modelo técnico-médico da cura e da normalização. Mecanismo autônomo que controla os efeitos da punição.

A análise crítica de Foucault revela as prisões como local de formação para um saber clínico sobre os condenados, que possibilita a organização de um campo de objetividade, um campo de saber, técnica de prisão:

1º Local de relações de saberes, é preciso que o prisioneiro seja vigiado permanentemente, observado e registrado seus comportamentos;

2º Formas concretas de exercício do poder – arquitetura panóptica, tornou a arquitetura transparente à gestão do poder. O panóptico penitenciário é também um sistema de documentação individualizante e permanente.

3º Sistema de documentação – local de constituição de um saber que deve servir de princípio regulador para o exercício da prática penitenciária.

## Foucault e o Uso da História

No que se refere à lei, a detenção pode ser privação de liberdade. O encarceramento que a realiza sempre comportou um projeto técnico, é a passagem de uma arte de punir a outra, não menos científica que ela. Mutações técnicas.

Segundo Foucault, não devemos conceber as prisões como fracasso, mas como sistema simultâneo que historicamente se sobrepôs a privação jurídica de liberdade:

- 1 - Suplemento disciplinar da prisão;
- 2 - Produção de objetividade, de uma técnica, de uma racionalidade penitenciária;
- 3 - Acentuação de uma criminalidade que devia destruir.

O fracasso da prisão serve para organizar as transgressões da lei numa tática geral de sujeição. A penalidade não reprimia as ilegalidades, ela as diferenciava. A gestão diferencial da ilegalidade por intermédio da penalidade faz parte desse mecanismo de dominação.

A prisão não fracassou em reduzir crimes, a prisão conseguiu produzir a delinquência, tipo especificado, forma política ou economicamente menos perigosa, até utilizável de ilegalidade controlável, reproduziu o delinquente como sujeito patologizado, como forma de gerir outras práticas ilegais utilizando-se desse indivíduo, infiltrando-os, tornando-os meios de vigilância e controle perpétuo da população.

Segundo Foucault, para produção da delinquência, e, seu investimento pelo aparelho estatal, fez-se uso de aspectos culturais: moralização das classes pobres - substituindo os costumes por um sistema de códigos; alimentou-se a hostilidade das classes populares contra os delinquentes, estes últimos usados como espões nos movimentos de greves. A notícia policial e os delinquentes presentes em toda a parte e temíveis.

Para Foucault, a formação do sistema carcerário se completa com abertura oficial de Mettray. A forma disciplinar no estado mais intenso, o modelo em que concentram-se todas as tecnologias coercitivas do comportamento. Tem algo do claustro, da prisão, do colégio, do regimento - modelo da família, da oficina, modelo da escola, do judiciário.

Essa superposição de modelos diferentes permite determinar a função de adestramento no que tem de específico. Os chefes e subchefes em Mettray são técnicos do comportamento - têm que fabricar corpos ao mesmo tempo dóceis e capazes - controlam todas as atividades de adestramento que são acompanhadas por uma observação permanente, continuamente se avalia o comportamento dos colonos. É um saber organizado como instrumento de apreciação perpétua.

A técnica disciplinar torna-se uma disciplina que também tem sua escola. O CARCERÁRIO constitui

um arquipélago carcerário. Uma rede carcerária sutil, graduada, com instituições compactas, mas também com procedimentos parcelados e difusos – as unidades assistenciais: colônias, reformatórios, orfanatos, penitenciárias, fábricas, conventos, cidades e alojamentos operários.

O arquipélago carcerário transporta essa técnica da instituição penal para o corpo social inteiro. Tornando natural e legítimo o poder de punir, legaliza o poder técnico de disciplinar. Seus efeitos na sociedade são: apoio e exercício de poder disciplinador. A tessitura carcerária da sociedade realiza ao mesmo tempo as captações reais do corpo (policia do corpo) e sua perpetua observação; é pôr suas propriedades intrínsecas, o aparelho de punição mais de acordo com a nova economia do poder, e o instrumento para formação do saber de que essa mesma economia tem necessidade. Propiciou o avanço dos dispositivos de normalização e em toda extensão dos efeitos de poder que eles trazem, através da colocação de novas objetividade. A prisão tende a exercer um poder de normalização.

Ao descrever e analisar a história das violências nas prisões, Foucault traz à tona o relato histórico de séculos de história nos quais os discursos sobre vigiar e punir enquanto forma de controle da sociedade e para a sociedade foram sendo construídos e transformados, e diga-se de passagem que a transformação estava diretamente atrelada às mudanças sociais porque

passavam as sociedades por ele estudadas – França, Inglaterra e América do Norte.

Foucault não fez uso de uma história evolucionista e até por isso foi criticado, pela descontinuidade nos relatos das histórias da prisão. Mas como não concebia uma relação causal e sim uma genealogia (dessa história) ou mais especificamente um genealogia do discurso sobre o saber (estrutura enquanto técnica) e um poder (enquanto ação) ele tenta captar a unidade e a especificidade do discurso – diria que fez uma análise do discurso – a partir do discurso de quem elaborava o saber fazer da técnica e quem era objeto do poder advindo desse saber fazer (os apenados).

Pelo exposto, compreendemos a partir das leituras de Foucault e sobre Foucault, que ele fez uso da história nos seus estudos sobre a sociedade ou sobre as transformações dos discursos na construção de um saber que permite o exercício de poder.

No caso de "Vigiar e Punir", ele faz uso da história através dos documentos para descrever e analisar a evolução histórica da legislação penal, respectivos métodos e meios coercitivos e punitivos adotados pelo poder público na repressão da delinquência – desde os séculos passados até as modernas instituições correcionais. Enfim, o que é possível abstrair de "Vigiar e Punir" é uma história cultural da construção de um

## Foucault e o Uso da História

saber sobre o exercício do poder de normalização.

Foucault estudou a sociedade através da cultura, dos fatos sociais pertinentes à estruturação do poder, a partir da construção de um saber que possibilita a submissão dos homens. Segundo O'Brien (op. cit) a cultura é estudada através de tecnologias do poder. O poder é concebido por ele como estratégia atribuível a funções técnicas. E existe como uma rede complexa de micro poderes de relações de poder.

Em "Vigiar e Punir" ele descortina e desembaraça os fios que compõem as redes de micropoderes, mostrando que o ato de punir foi sendo aprimorado pelas instituições jurídicas encarregadas de aplicar o castigo, o que possibilitou a departamentalização da aplicação da pena entre várias instituições e áreas de saber (médico-jurídico). O saber que foi sendo elaborado a partir das práticas punitivas, criou um novo tipo de relação de poder. Ao mesmo tempo em que as mudanças decorrentes destes processos criaram uma estratégia de normalização por sua vez produziram uma tecnologia do corpo.

Com base no exposto, compreendemos que Foucault construiu modelos de análises sociológicas históricas em Vigiar e Punir. Fez uso da história para explicar as mudanças sociais na sociedade na tecnologização e sujeição do corpo. Compartilhamos da posição de O'Brien, para quem Foucault não produziu teorias

generalizáveis mas legou-nos um método. E ousaríamos em dizer que produziu a partir de Vigiar e Punir um conceito para explicar os sistemas que usam estratégias de normalização.

O Conceito de normalização pode ser aplicado em várias situações que envolvam relações humanas de poder. Se ele não produz teoria, mas, legou-nos instrumentos de análises e conceituais, úteis na compreensão das relações sociais de poder.

Como sociólogo histórico, historiador das mentalidades, em "Vigiar e Punir" faz uso de documentos privilegiados, de símbolos, objetos como o panóptico, a carruagem celular, objetos simbólicos de poder, que são produções de um imaginário, ou que contêm uma imagem iconográfica da prisão que é imputada como uma forma exemplar de punir e ao mesmo tempo inibir o crime. A imagem de uma realidade punitiva, na qual é necessário pagar pelo erro por sinais exteriores

Foucault transforma o corpo em objeto privilegiado de estudo do imaginário. Corpo sobre o qual se impõe uma ordem, uma regularidade, se inscreve um código disciplinar, cujo instrumento é o trabalho. Função para a qual deve-se formar nos homens uma mentalidade.

Foucault propõe uma forma nova de pesquisar a partir dos documentos. Segundo Le Goff (1995: 54), Foucault pesquisa a partir da noção de documento/monumento,

uma arqueologia composta de estratos e porções, que é preciso delimitar, explicar as lacunas, os silêncios.

Em "Vigiar e Punir", Foucault, configura uma sociologia histórica naquilo que ela tem de histórica: processo, mudança, tempo, método, documento. Uma sociologia histórica de longa duração, na qual é possível

distinguir as mudanças a partir dos costumes, das mentalidades, das formas de punição e disciplinamento. Foucault faz uma história crítica em contraposição a historiografia convencional, que tenta reconstruir o mundo. Segundo Dean (1994), ele aborda o documento histórico como um achado arqueológico, interpreta, organiza, distribui, ordena, estabelece séries e distingue o que é relevante.

### Referências Bibliográficas

- ABRAMS, Philip (1982) *Historical Sociology*. West Compton House: Open.
- DEAN, Mitchell (1994) *Critical and Effective Histories: Foucault's methods and historical sociology*. Londres & Nova York.
- FOUCAULT, Michel (1996) *Vigiar e Punir : nascimento da prisão*. 14ª ed., Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1979) *Microfísica do Poder*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1992) *As Palavras e as Coisas*. 6ª ed., São Paulo: Martins Fontes.
- LE GOFF, Jacques (1995) *A História Nova*. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes.
- O'BRIEN, Patricia (1992) "A História da Cultura de Michel Foucault", HUNT, L.(org.), *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes.
- SMITH, Dennis (1991) *The Rise of Historical Sociology*. Philadelphia: Temple University Press.
- SKOCPOL, Theda; SOMERS, Margaret (1995) "The Uses of Comparative History in Macrosocial Inquiry", T. SKOCPOL *Social Revolutions in the Modern World*. New York: Cambridge University Press.
- TYLLY, Charles (1981) *As Sociology Meets History*. Orlando: Academia.
- ZARET, David (1980), "From Weber to Parsons and Schutz: the eclipse of history in modern social theory". *American Journal of Sociology*, 85(5), 1180-201.